

Nós, os espectadores

Mónica Guerreiro



< >

Luz/Interior,
a partir de Peter Handke,
encenações de Carlos
Pimenta e Mónica Calle,
Casa Conveniente, 2004
(Rita Só),
fot. Pilar Mayorgas.

As experiências de intimidade radical perseguidas por Mónica Calle nos seus espectáculos têm tido continuidade em alguns projectos paralelos do colectivo Casa Conveniente. Em 2004, ano de transição para uma nova Casa (a escassas dezenas de metros da primeira, com características e tipologia similares), Mónica Calle começou por dirigir *Esquina de uma rua*, espécie de irmão desavindo – ou lado b – do projecto *Um dia virá*; e acaba o ano, inaugurando o seguinte, com *A missão, ou porque as raparigas continuam a querer ir para Moscovo*, exercício de intervenção social disfarçado de construção civil e manifesto feminista. Entre uma coisa e outra, dois espectáculos continuaram a levar os espectadores a conhecer a nova Casa: *Na colónia penal*, sob direcção de Amândio Pinheiro, a partir de Kafka; e *Luz/Interior*, um díptico gizado por Rita Só a partir de Peter Handke. E falta falar de *E depois, disseste...*, pequenos encontros encenados na discoteca Lux, ao abrigo do Festival WAY, relembando a singularidade dos actos performativos discretos: em cada cubículo da casa de banho das senhoras, um actor esperava companhia. Partilhava-se pão saloio, a possibilidade da escrita, banda sonora escolhida a dedo. E durante aqueles minutos, aquela *performance* acontecia só para nós, que de forma comprometida e pela calada entrávamos e saíamos, sem

revelar os segredos sussurrados lá dentro.

Em *Luz/Interior* propõe-se uma releitura da dramaturgia de Peter Handke para o olhar de uma Lisboa às voltas com o fim do milénio, a boémia nocturna, a degradação (metafórica e literal) dos espaços de representação e a possibilidade do teatro. Projecto de uma actriz para dois encenadores, *Luz/Interior* estuda a teatralidade possível entre palco e plateia convencional (mas afrontada, porque instalada perante um espelho intimidatório) ou constituída apenas por quatro pessoas (e o que isso implica de cumplicidade para com o acto que à sua frente tem lugar). O projecto adianta-se ao questionamento metódico das relações entre a plateia e a cena, para pôr em causa aquilo que de tradicional resiste nessa troca; mas consegue fazê-lo sem perigar a própria existência da categoria espectáculo, sem almejar desfazer esse relacionamento por o considerar ultrapassado. Aqui, a discussão sobre o papel prescrito para os artistas e o lugar confortável do espectador está ao serviço da consecução de um projecto artístico; aqui, somos confrontados com o convencionalismo dos formatos e dos cânones, e com a nossa fácil anuência aos mesmos. Mas isso não significa que não aconteça teatro, e que não fiquemos felizes por não termos acabado com a relação.

>



- > Talvez por isso, por essa felicidade do reencontro, possam *Luz* e *Interior* montar juntos uma liturgia com tanto em comum, tendo sido fabricados em separado. Objectos comunicantes, trabalhados desde o conceito como antagónicos, preservaram essa dualidade até à sua configuração final. E manipulam um exercício de contrários: de um lado, a face pública, com auditório, o palco apostado, as luzes da ribalta, microfones, a parafernália da cena; do outro, aquilo que se esconde, o lado privado, um encontro nos bastidores – nos interstícios da Casa – sem plateia, sem palco, sem luz, no silêncio, sabendo que há uma encenadora que observa de fora. O lado solar e o lado lunar, expostos pela mesma actriz – a jogar o jogo dos actores – e pelo mesmo dramaturgo – em peças simultaneamente de provocação e de catarse – para os mesmos espectadores, em dias alternados.

Em *Luz*, cujo (pre)texto é *Insulto ao público* (*Publikumsbeschimpfung*, 1965), assalta-nos o anacronismo: o público da Casa Conveniente está bem distante do público burguês e impressionável a quem o texto se destinara. Por isso, engendrou-se um contexto para forçar o desconforto, potenciando cenicamente as palavras. Francisco Rocha e Carlos Pimenta trabalharam a actualização e revivificação do texto – e do incómodo que ele provoca – através de processos de fragilização do espectador: à entrada, é separado daqueles com quem veio e sentado num lugar determinado; é confrontado com a sua imagem reflectida num espelho, enquanto atrás de si, reforçada pela amplificação, a voz continua a debitar um percurso sinuoso de diminuição do espectador, do seu carácter, da sua posição, do seu papel. O lugar do palco é quase todo ocupado pelas cortinas e pelo espelho: pela imagem da plateia, devolvida após ser dilacerada. Continua a ser possível insultar o público.

Em *Interior*, oferece-se uma experiência quase diametralmente oposta: a plateia é enobrecida pelo facto de se vincar o intimismo do encontro – apenas quatro espectadores em cada récita. Aquilo que há de assimétrico na relação entre actor e espectador é aqui rasurado: estamos frente a frente, sentamo-nos em cadeiras iguais, evoluímos juntos no caminho esboçado por Introspecção (*Selbstbeziehung*, 1966), de Peter Handke. Torrencial confissão sobre a tomada de consciência, o texto cresce do murmúrio para o grito, da contenção para a gestualidade acentuada, da partilha para o protesto – à medida que a voz e o corpo se diluem no escuro. A violência é encenada por Mónica Calle com outros instrumentos: a actriz torna-se monstro, a exiguidade do espaço aterroriza, o som tonitruante das máquinas acompanha um monólogo anafórico que, longe de decair no narcótico, se estrutura



num crescendo incondicionalmente fascinante. Então, ténues ligações reinscrevem este espectáculo no diptico de que faz parte e que interpela genuinamente a relação palco/plateia: novamente o espectador é confrontado com a sua imagem, uma fotografia tirada no momento e afixada à sua frente; em vez de, olhos nos olhos, lhe dirigir um insulto, a actriz pede-lhe que leia algumas frases de um caderninho. Continua a ser possível emocionar o público.

O que *Luz/Interior* consegue, de forma admirável, justificando esta menção especial, é devolver ao público uma experiência de teatro levada ao limite do suportável – pela sobre-exposição involuntária imposta por *Luz*, pela claustrofobia incapacitante de *Interior* –, de que se sai plenamente reconciliado com este nosso papel, a um mesmo tempo gratificante e ingrato, de espectadores dialogantes com as obras.

> *Luz/Interior*,
a partir de Peter Handke,
encenações de Carlos
Pimenta e Mónica Calle,
Casa Conveniente, 2004
(Rita Só),
fot. Pilar Mayorgas.